

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS -UEG**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE**

**TATIANE CARVALHO BARBOSA**

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS  
DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR EM UM COLÉGIO  
PÚBLICO DA CIDADE DE POSSE- GOIÁS**

**POSSE - GO**  
**NOVEMBRO/ 2013**

TATIANE CARVALHO BARBOSA

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS  
DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR EM UM COLÉGIO  
PÚBLICO DA CIDADE DE POSSE- GOIÁS**

Monografia apresentada à Coordenação de Letras da  
Universidade de Goiás – Unidade Universitária de Posse,  
para obtenção do grau de licenciado em Letras-  
Português/Inglês. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Mary Luci de  
Oliveira Lunezzo

**POSSE - GO  
NOVEMBRO/ 2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE**  
**PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA – MONOGRAFIA**  
**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA**

---

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**AUTOR: TATIANE CARVALHO BARBOSA**

**TÍTULO:** O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR EM UM COLÉGIO PÚBLICO DA CIDADE DE POSSE- GOIAS

Monografia defendida e aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

com NOTA \_\_\_\_ (                    ), pela comissão julgadora:

\_\_\_\_\_  
**Orientadora: Profª Especialista Mary Luci de Oliveira Lunezzo/ UEG**

\_\_\_\_\_  
**Profª. Especialista Doralice Santiago Rocha / UEG**

\_\_\_\_\_  
**Profª. Especialista Josiane José de Almeida /UEG**

\_\_\_\_\_  
**Profª. Esp. Isaura Maria Mendonça**

**Coordenadora do Curso de Letras-Português/Inglês**

\_\_\_\_\_  
**Profª. Dra. Jane Adriane Gandra**  
**(Coordenadora de Monografia)**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha orientadora Mary Luci pela paciência e carinho, a minha tia amada Nalzira, que está do meu lado em todas as etapas da minha vida, a minha família, em especial meus filhos Kaíque e Samuel, minha mãe Teresinha de Jesus Ferreira Barbosa, meu esposo Júnior César pela compreensão, amor e apoio.

Dedico a minha sogra Caciana, sogro Gerson e cunhada Jessiane pelas palavras amigas nos momentos difíceis da minha caminhada.

Dedico em memória, a meu pai Joaquim Carvalho da Silva, que apesar de pouco tempo em minha vida deixou grandes saudades eternas e um vazio que nunca vai ser preenchido.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me dar o dom da vida. A minha família que me apoiou nos momentos necessários, aos amigos que direto ou indiretamente estiverem presentes nos momentos difíceis dessa conquista. Agradeço aos professores pelo apoio e em especial a minha orientadora Mary Luci pelo carinho e paciência.

[...] ”Surdo é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês. Mudo é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás de máscara da hipocrisia. [...]”. ( Mário Quintana)

## RESUMO

É sabido que a inclusão do aluno surdo no ensino regular foi aprovado pela Lei número 10.436 (Brasil, 2002), e regulamentado pelo Decreto número 5.626 (Brasil, 2005). Porém a inclusão gera a exclusão, os alunos surdos não possuem competências linguísticas que um falante nativo da língua possui. Para eles a Libras é um recurso indispensável para a comunicação, e para o processo ensino-aprendizagem. Não compreendem na Língua Portuguesa os elementos conectivos dos discursos e a semântica de várias palavras, onde a maioria dos morfemas não tem significação nenhuma no seu eixo vocabular. Geram-se dicotomias: inclusão x exclusão, deficiência x diferença. Os alunos com deficiência auditiva não estão aprendendo a Língua Portuguesa no Ensino Médio regular com eficácia, sua capacidade Linguística não é valorizada, nem respeitada.

**Palavra-chaves:** Surdos; Ensino da Língua Portuguesa, Escola regular, Inclusão, Libras.

## **ABSTRACT**

Inclusion of deaf students in regular schools was approved by Law No. 10,436(Brazil, 2002) and regulated by Decree number 5626 (Brazil, 2005). But the inclusion generates exclusion, deaf students do not have language skills that a native speaker of the language features. For them the Pounds is an indispensable resource for communication, and for the teachinglearning process. They do not understand the Portuguese language elements and semantics of discourse connectives of several words, where the majority of morphemes has no meaning on its axis vocabulary. It generates dichotomies: x inclusion exclusion, disability x difference. Students with hearing loss are not learning the Portuguese language in high school with regular efficacy, linguistic ability is not valued or respected.

**Keywords:** Deaf. Portuguese language teaching. Regular school inclusion pounds.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1.0.HISTÓRIA DA SURDEZ, DEFINIÇÕES</b> .....	11
1.1 INCLUSÃO X EXCLUSÃO NAS SALAS REGULARES DAS ESCOLAS PÚBLICAS.....	14
1.2 IDENTIDADE E CULTURA SURDA.....	17
<b>2.0. PAPEL DO EDUCADOR DE LÍNGUA PORTUGUESA PERANTE O PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM</b> .....	20
2.1. SURDEZ: DEFICIÊNCIA OU DIFERENÇA – PRÁTICAS UTILIZADAS NO ENSINO.....	22
2.2. EDUCAÇÃO DOS SURDOS.....	26
<b>3.0. PROCESSOS DE LEITURA, ESCRITA E PRODUÇÃO DE TEXTOS- CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA</b> .....	33
3.1. ENSINO- APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR.....	34
3.2.BREVE ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ADALMIR ANDERSON DA SILVA OLIVEIRA E DE PEDRO YURI MAGALHAES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR.....	38
<b>CONCLUSÃO</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
<b>WEBIBLIOGRAFIA</b> .....	50
<b>ANEXOS</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa intitulado “O Ensino de Língua Portuguesa para alunos do 1º ano do ensino médio regular de um colégio Público da cidade de Posse-Goiás” tem como objetivo analisar déficits encontrados no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos do ensino médio regular, dessa forma propiciar novas reflexões sobre a temática e fazer um diagnóstico sobre o ensino de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio regular com dois alunos surdos de uma escola pública no ano de 2013.

O processo ensino-aprendizagem é direcionado para os ouvintes, não atendendo assim suas particularidades e necessidades. Há uma despreparação profissional devido ao desconhecimento da surdez e de práticas adequadas para atendimento dessa clientela. Os alunos com deficiência auditiva não estão aprendendo a Língua Portuguesa no Ensino Médio regular com eficácia, sua capacidade linguística não é valorizada, nem reconhecida.

O tema é de interesse para a sociedade, onde deve ser minimizado o preconceito e quebrado os paradigmas existentes acerca da surdez, uma deficiência sobre a qual pouco conhecemos e em prol de uma educação digna e de qualidade para estes, exigindo preparação adequada dos profissionais dessa instituição.

A declaração do Salamanca afirma que, “independentemente de sexo, cor, raça e religião tem direito fundamental a qualquer criança educação e que a elas devem manter e assegurar a oportunidade de terem acesso ao conhecimento de maneira igualitária”.

A inclusão do aluno surdo no ensino regular foi regulamentada pela Lei número 10. 436 (Brasil, 2002) e aprovado pelo Decreto número 5.626 (Brasil, 2005). Porém a inclusão gera a exclusão, os alunos com deficiência auditiva não possui as mesmas competências linguísticas que um falante nativo da língua possui. Para eles a libras é um recurso indispensável na comunicação.

Na história as pessoas com deficiência auditiva foram consideradas incapazes, sofreram e sofrem muita discriminação, apesar de ser notória sua condição de vida sem limitações sociais aparentes além da fala.

Ao abordar o tema inclusão, declaro que no ambiente escolar o surdo deve estar inserido no processo de ensino – aprendizagem, construindo sua identidade, sendo sujeito crítico reflexivo.

O primeiro capítulo apresentará uma abordagem sobre a dicotomia inclusão x exclusão perante processos históricos, sociais do ensino da língua portuguesa; no segundo o papel do educador de língua portuguesa em pleno século XXI, práticas pedagógicas e o ensino na escola pública regular e por fim no terceiro é apresentado os processos de leitura, escrita e produção de textos de alunos surdos do 1º ano do ensino médio regular de uma escola estadual.

O que se pretende nesta problemática é discutir o ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do 1º ano do ensino médio regular, propondo melhorias na educação e profissionais mais dedicados e conscientes do seu papel na formação de sujeitos críticosreflexivos e agentes na sociedade da qual fazem parte.

## CAPITULO I

### 1. 0. HISTÓRIA DA SURDEZ, DEFINIÇÕES

É notório que ao longo dos anos, os surdos foram sendo excluídos dos processos sociais, e automaticamente isolados. Perderam o poder de tomada de decisões perante sua própria vida, eram vistos com sentimento de piedade e como anormalidade da natureza, tendo sido vitimados pela história desde a Idade Média.

A surdez pode se manifestar de duas maneiras: a congênita e a adquirida; a congênita é quando acontece na gestação, através do uso de alguns medicamentos, principalmente os ototóxicos, que servem para o tratamento de doenças como: sífilis, herpes, diabetes, sarampo, pressão alta e toxoplasmose, também por exposição à radiação, problemas no parto, infecções hospitalares, motivos hereditários, nascimento antes do tempo e falta de oxigenação na hora do parto.

Se causada por doenças, a surdez é denominada de percepção ou neuro-sensorial, ocorre por uma lesão nas células nervosas e sensoriais que levam o estímulo do som da cóclea até o cérebro, raramente doenças que danificam a cóclea e o nervo auditivo têm tratamento. A perda auditiva por condução é quando existe algo que bloqueia a passagem da orelha externa para a interna, diagnosticada, pode ser revertida por meio da cirurgia ou por medicamentos, há também a surdez central, ela é um processo natural, acontece com o envelhecimento.

A integração dos surdos na sociedade dos ouvintes é necessária, por pensar nesse fato, busca-se desde 1970 a socialização no ensino regular, para que haja uma construção de identidade. A inclusão do surdo no ensino regular foi aprovada pela lei número 10.436, (BRASIL, 2002) e pelo decreto número 5.626, (BRASIL, 2005), garantindo ao surdo o direito ao atendimento em escola de ouvinte que regulamenta a inclusão dos alunos surdos, o qual deve ser feito com o apoio de professores bilíngues na educação infantil, na I e II fase do ensino fundamental e médio com intérpretes de libras.

A constituição federal de 1988 no capítulo II, artigo 208 inciso III diz que é dever do Estado com a Educação garantir o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências, principalmente na rede regular de ensino. As pessoas surdas acabam prejudicadas

no processo social, onde as dificuldades encontradas na comunicação dependem do grau da deficiência auditiva, de sua competência linguística, do ganho protético que teve ao longo do tempo e de condições educativas.

No mundo, a educação dos surdos deu início em meados do século XIV. Em 1855 houve o primeiro relato de educação dos surdos no Brasil, foi através do professor surdo francês Ernest Huet que veio para o país, a mando de D. Pedro I, ensinar duas crianças que tinham a mesma deficiência. Após dois anos, em 1857 é criado o primeiro Instituto Nacional dos Surdos, o instituto Inês, sendo utilizado a língua de Sinais. A inclusão dos deficientes aconteceu no Brasil a partir das últimas décadas, com a Declaração do Salamanca em 1994, uma conferência realizada na Espanha com representantes de todo lugar.

O século XVIII é visto como período mais produtivo na educação dos surdos, tanto no sentido de qualidade quanto de quantidade, onde padronizaram um meio de comunicação e começaram a entrar no mercado de trabalho. Perante tais comprovações Sacks salienta que:

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos testemunhou a rápida criação de escolas para surdos, de um modo geral dirigidos por professores surdos, em todo o mundo civilizado, a saída dos surdos da negligência e da obscuridade, sua emancipação e cidadania, a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade - escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, tornaram-se subitamente possíveis. ( SACKS,1989,p.37)

Na história da educação dos surdos o oralismo perdura mais de 100 anos, depois veio à comunicação total, defendendo o uso de qualquer recurso para a transmissão de mensagem, dando origem assim ao Bilinguismo. O oralismo visa à inclusão do surdo na comunidade de ouvintes para desenvolver a linguagem oral, a surdez é vista como uma deficiência, que deve ser reduzida por meio de estimulação auditiva, ajudando na aprendizagem da língua e no seu ingresso social no universo ouvinte, direcionando a suposta normalidade padrão e ensinando a língua que não é a materna.

A doença é fácil de ser diagnosticada, dependendo da observação dos pais na reação das crianças com os sons, porém na dúvida em relação à doença, deve procurar rapidamente a ajuda de profissionais como Otorrinolaringologia e fonoaudiologia, para um laudo correto. A prevenção é a melhor saída para evitar a doença, uma alternativa segura é a mulher tomar a vacina contra a rubéola.

A redução dos efeitos da surdez e a aquisição da linguagem podem ser percebidas graças aos avanços tecnológicos para a amplificação acústica, implantes cocleares e aparelhos auditivos digitais. Atualmente a maioria dos jovens podem chegar a níveis de aquisição da linguagem oral e escrita próxima aos falantes, desde que percebida precocemente e as limitações físicas forem as de menores graus de perda auditiva.

Para a medicina existe uma solução para a surdez, o implante coclear, que segundo Roots (1999) “seria algo parecido a um ouvido biônico, diretamente implantado na cóclea, que estimula “poucos nervos” por impulsos elétricos”. Para um grupo de integrantes da comunidade surda, a surdez é questão de nível social decorrente de padrões históricos que deve passar de condição patológica para de fenômeno social, ou político social.

A maioria dos surdos não pode comunicar por meio da oralidade, usando os sinais, no Brasil a libras. A fala é diferente para eles, sendo egocêntrica e individual, diante dessa perspectiva, Saussure (1991) defini “a fala como um aspecto individual da linguagem”. Vigotsky (1989) complementa citando “três tipos: social, egocêntrica e interior, o surdo não pode se comunicar por meio da oralidade, se comunicando por sinais”, afirma ainda que “ A fala é a produção da linguagem pelo falante nos momentos de diálogo social e interior, pode utilizar tanto o canal áudiofonatório, quanto o espaço-viso-manual”. (VIGOTSKY, 1989, p. 12).

A fala além de ser utilizada como uma produção de linguagem pelo falante nos momentos de conversação tanto socialmente como individualmente, pode ser considerada também pelo canal viso-manual, entra uma nova forma que todos utilizamos sem perceber, mais de suma importância para os deficientes auditivos, a língua através de sinais, que não utiliza o canal áudiofonatório.

A maioria dos surdos não possui nenhuma deficiência no aparelho fonador, não conseguem desenvolver a linguagem por não poderem ouvir. Vivem em um mundo complexo, sendo minoria no grupo linguístico do qual faz parte, são submetidos a participarem de uma sociedade que ainda não aprendeu a incluir as diferenças, que tem sua cultura formada, e obrigam a serem bi culturais apesar de não conviverem e internalizarem muito bem o meio o qual faz parte.

Para entender o universo da surdez temos que compreender primeiramente o que é a linguagem e a sua relação com o sujeito. No campo da linguística a surdez é analisada como

um produto social e objeto de conhecimento pelo sujeito, os empiristas têm um caráter anterior da linguagem em relação ao sujeito. Assim,

O estudo que aborda a relação da linguagem com o homem, observando conceitos de trabalho, instrumento e cultura como um processo de natureza histórico - cultural, é uma voz adquirida, tem papel constitutivo, planejador e organizador do pensamento. (VYGOTSKY, 1984, p. 20)

A conceituação vem sendo questionada quanto à terminologia, de deficiente auditivo para surdo. Anteriormente a surdez era definida como uma deficiência e uma patologia sem cura. Hoje são percebidos como pessoas diferentes, pertencem a uma comunidade que utiliza um meio comum de comunicação, uma língua, uma cultura própria. Para (BOURDIEU, 1998), “é uma definição arbitrária - social que se baseia na imposição de traços que supostamente unem os indivíduos: língua, roupa, consumo e hábitos culturais”.

Independentemente do conceito utilizado para a surdez, diferença ou deficiência, deve-se reconhecer suas peculiaridades, valorizar suas competências e habilidades. São pessoas com sonhos comuns, que querem ser compreendidos e percebidos pela sociedade em que vivem.

## **1.1 INCLUSÃO X EXCLUSÃO NAS SALAS REGULARES DAS ESCOLAS PÚBLICAS**

Em pleno século XXI desconhece-se a importância da inclusão dos educandos surdos na construção de sua própria história como o sujeito do conhecimento, porém respeitando suas capacidades e competências linguísticas, há um processo de mão dupla: incluir e ao mesmo tempo excluir, pois estamos falando de alunos diferentes estudando em uma escola para sujeitos ouvintes.

Os deficientes auditivos são excluídos da sociedade competitiva, se tornam meros expectadores do palco de transformações que ocorrem no mundo, é mais fácil fingir que estão inseridos nela, dando empregos, cotas em universidades, colocando os nas listas de programas governamentais e nos bancos das escolas regulares para propiciar a inclusão, sem preocupar se estão sendo bem sucedidos nesses processos. Muitas vezes, os surdos não entendem esse novo

universo que estão inseridos, não se envolvem por falta de oportunidades, e assim não progridem suas capacidades sócio - cognitivas linguísticas.

A inclusão gera a exclusão, os alunos com deficiência auditiva não possuem as mesmas competências linguísticas que um falante nativo da língua possui. Para eles Libras é uma sinalização indispensável à comunicação. Na escola a língua de sinais é utilizada somente entre a intérprete e o surdo, não compreendem o português, os seus elementos conectivos dos discursos e a semântica de várias palavras, onde a maioria dos morfemas não tem significação nenhuma no seu eixo vocabular.

O surdo em uma sala regular tem várias dificuldades no processo ensino aprendizagem da Língua Portuguesa. Mesmo com um intérprete, a preparação do professor não é suficiente para atender as perspectivas de aprendizagem. As aulas não supremas competências necessárias para seu preparo social, cultural e emocional, pois é voltada apenas para os ouvintes. O modo como a surdez é vista socialmente, é com indiferença e descaso, influencia na concepção de identidade que prevalecem nos preceitos educacionais.

A linguagem oral possui o poder de transformar um indivíduo em sujeito, de construir cultura, ditar personalidades, expressar emoções, sentimentos e desejos, através dela o sujeito é capturado pelo simbólico, tudo pode ser compreendido através da comunicação. No contexto educacional, devem ser disponibilizadas duas línguas para pessoas surdas: a de sinais e o Português. Existe uma diferença, um desprestígio social com a Língua de Sinais (Libras) nas escolas, por não compreenderem sua dimensão linguística e psíquica.

A inclusão trouxe benefícios para várias outras deficiências, porém para os surdos acabaram por continuar as condutas consideradas normalizadoras, passaram por vários constrangimentos e humilhação historicamente. No âmbito escolar a inclusão significa a assimilação do surdo ao padrão ouvinte-falante, desconsiderando sua subjetividade e cultura.

Há uma disputa entre duas correntes de conhecimento voltadas para surdez: o oralismo que tenta possibilitar o desenvolvimento da fala, contando atualmente com recursos tecnológicos para induzir a audição; e o Bilinguismo que coloca a Língua de Sinais como língua materna e postulando a este uma cultura específica. Nestas correntes predominam duas áreas distintas: a da saúde e a pedagógica, ambas preocupam-se com a defesa da sua cultura e enfatizam os aspectos formais da linguagem.

Quando descoberta à surdez, a família perde a maioria das expectativas sobre seus filhos, há um choque emocional antes da aceitação. “A perda auditiva existe e não é uma invenção dos ouvintes, por isso deve ser solidamente enfrentada” (BUENO, 1998, p.6).

Para a pessoa surda que conhece apenas a linguagem de libras é necessário o uso de um intérprete para mediar sua comunicação com os ouvintes no processo ensino – aprendizagem e para repassar informações do professor regente. É preciso compreender o surdo como um grupo que possui uma grande diversidade entre eles. A sensibilização e o respeito são essenciais para a construção de ideologias que elimine as barreiras que pesam sobre a comunicação surda.

Como os surdos não ouvem, não possui a competência discursiva da oralidade, cria uma barreira para a língua portuguesa, pois no ensino médio regular é determinada como uma imposição linguística. Vigotsky (1989) defende a aquisição da língua por mediação, enquanto Chomsky (1983), outro estudioso, aborda o inatismo, que ao nascer, a criança traria consigo a gramática universal, entendida como o conjunto dos elementos formais mínimos que são necessários, embora não suficientes para a aquisição de qualquer língua.

A socialização de alunos surdos na modalidade regular deve ser embasada em estratégias e procedimentos integradores, mas isso de fato não acontece. Na escola inclusiva há uma grande evolução na aquisição da linguagem oral e escrita, pois se integram num meio natural que respeita a sua diferença. A este respeito Rocha Coutinho (1986) considera que:

A língua falada sempre será um fenômeno estranho para o deficiente auditivo, nunca será algo natural. Os deficientes auditivos, provavelmente exprimem um grau considerável de ansiedade ao usar a língua oral porque eles não têm nenhuma forma de controlar a propriedade técnica e social da sua fala, exceto através de movimentos labiais e da reação das pessoas a sua fala. O deficiente auditivo apesar de contar com expressões faciais e movimentos corporais, não possui uma das fontes de informação mais rica da língua oral: monitorar sua própria fala e elaborar sutilezas através de entonação, volume de voz, hesitação, assim como extrair da produção de seu interlocutor sutilezas através da entonação, volume de voz (...) (ROCHA COUTINHO, 1986, pp. 79-80).

É indispensável à existência de diferentes opções de ambientes educativos em prol de atender as necessidades que o indivíduo apresenta, cabendo a ele decidir em que grupo institucional quer está inserido, a área linguística que quer desenvolver a comunicação, o psíquico e a aquisição da linguagem.

Nos bancos escolares os professores não estimulam o desenvolvimento comunicativo, nem o linguístico, restringe este à utilização ativa do português e não propõe atividades de grupo para que conviva e perceba os falantes. Geralmente o professor não se adequa a realidade comunicativa do educando surdo e muito menos deposita expectativas nele. O ideal seria que o professor trabalhasse atividades que promova o respeito à diversidade cultural, facilitando a comunicação dos falantes da língua portuguesa com os surdos, numa troca constante de conhecimento e transformando - os em sujeitos sociais.

As políticas públicas pregam vários discursos utópicos sobre a inclusão dos surdos no ensino regular com um discurso de multiculturalismo e solidariedade, sem preocupar no valor de exclusão que assombra esse campo educacional, que antes era de exclusão física e agora é realizada de modo sutil, com a sua presença na escola. Ao mesmo tempo em que pregam princípios humanistas, impossibilitam o direito de participação nas atividades sociais de maneira igualitária.

Embora entenda que o discurso da inclusão dos chamados deficientes defenda a ideia de ajustamento dos diversos âmbitos da atuação social, para receber essas pessoas, diferente teoricamente das políticas de integração, considero que pouco, ou quase nada, tem mudado nas práticas cotidianas. (BLANCO, 1998, p. 40).

Falar sobre a inclusão significa respeitar e valorizar diferentes modos de vida, integrar professor, intérprete e aluno em busca do conhecimento e da sua formação como sujeito e cidadão. A escola precisa levar em conta três critérios básicos na sua organização: a interação através da língua de sinais, a valorização de conteúdos escolares e a relação conteúdo-cultura surda. Inclusão e exclusão, dicotomia que opera simultaneamente, não são produtos de causa e consequência, o fato de ser surdo e não ouvir não significa estar excluído do universo auditivo, mas sim possuir uma limitação linguística.

Nesse processo inclusão X exclusão todos nós fazemos parte, em vários momentos da nossa vida, podemos ser excluídos de alguma situação e incluídos em outra. A exclusão social é evitada se houver uma educação inovadora e atenta, que compreenda fatores de ordem individual, e analise todas as esferas amplas da sociedade, sendo a escola uma das principais representações da estrutura social, e um espaço de transformação.

## 1.2 IDENTIDADE E CULTURA SURDA

Ao abordar a cultura surda está se designando uma identidade, associando-os a um grupo que utiliza como linguagem a de sinais e que observam por meio visual o seu entorno. Os surdos não utilizam apenas a libras na comunicação, mas também existem os oralizados, falam e ouvem com o auxílio do aparelho auditivo, mas não dominam a língua materna, sendo de certa forma, discriminados, não são inseridos como falantes e nem como surdos, pois não utilizam a libras. Identificam apenas um vocabulário restrito de palavras, muitas vezes sem nenhuma significação.

A identidade vai além de uma escolha linguística via auditiva ou visual, depende da relação que as pessoas exercem com o meio social. Não se pode falar em uma única identidade da pessoa surda, e sim numa grande variedade de identidades, que combinam fatores externos e internos.

Quando a deficiência é diagnosticada precocemente, de preferência nos primeiros seis meses de vida, período de maior plasticidade cerebral e de aquisição da linguagem cabe à família decidir que língua vai ser utilizada pela criança, ou pela própria criança, se diagnosticada tardiamente. A língua materna, a primeira que ela irá aprender servirá para trabalhar suas competências e habilidades, escolhendo o bilinguismo ou a libras, resultando em focos diferentes perante a linguagem oral e escrita.

É interessante colocar os surdos em Associações destinadas a eles que promoverá integração com outras pessoas que estão próximas da mesma realidade social, porque as escolas ainda buscam entender e utilizar a linguagem gestual. A linguagem de Libras e a comunidade que a utiliza trazem nela marcas específicas, estando ligados no signo ideológico de forma e conteúdo. As línguas de sinais apresentam características próprias, utilizam uma língua espaço - viso – manual.

A identidade surda está relacionada ao uso da língua, é definida ao usar a língua de sinais em contato com outros surdos, onde surgem novas possibilidades de compreensão, de diálogo e de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral, sendo a língua de sinais capaz de oferecer a ele esta identidade. A construção da identidade está relacionada à presença de qualquer língua que dê ao surdo a capacidade de constituir-se como falante. Para

Benveniste (1988 b), “está ligada á constituição da própria subjetividade pela linguagem e às implicações dessa constituição nas relações sociais”.

Os surdos não se sentem excluídos no processo social da linguagem perante a fala, pois na verdade não a conhecem, nem a dominam. Os ouvintes que o veem como excluídos por não possuírem tal capacidade.

Sobre a ideia defendida por Benveniste, Santana acrescenta que:

(...) Em suma, dificilmente podemos falar de uma identidade surda. A constituição do sujeito está relacionada às práticas discursivas – e não a uma língua determinada e às diversas interações sociais no decorrer de sua vida: na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos. O reconhecimento dessa realidade aprofundaria as discussões sobre a identidade no campo da surdez, que tem procurado estabelecer uma norma em relação ao que é chamado de identidade, a fim de exigir que as análises correspondam a ela. Ou seja, uma norma de identidade, a identidade de surdo é uma norma cultural correspondente à cultura surda. (SANTANA, 2007, p.44)

O termo identidade surda é utilizada para padronização e identificação do sujeito nas práticas discursivas. Segundo Santana a identidade de surdo e cultura são a mesma coisa, uma normalização imposta pela sociedade para classificá-los em uma determinada categoria ou grupo.

Na área da surdez os termos cultura e identidade estão associados à língua, estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios que usufruem para agir na sociedade. Sobre esse enfoque são consideradas duas perspectivas: por fazer parte de um grupo que fala a língua portuguesa pertencem à mesma cultura, tendo esta como língua comum; assumir a existência da cultura surda implica admitir a segregação entre surdos e ouvintes, dessa forma os surdos concebem sua existência como grupo social.

Baseado em uma concepção sócio - antropológica da surdez Sá defende que:

(...) O objetivo de considerar, no estudo da problemática do surdo, a questão cultural, não é o de incentivar a criação de grupos minoritários à margem da sociedade, mas justamente o contrário, ou seja, o de considerar a diferenciação linguística como necessária para possibilitar o desenvolvimento normal da cognição, da subjetividade, da expressividade e da cidadania da pessoa surda. (SÁ, 1999, pp. 157-8)

Os termos cultura ou identidade estão ligados ao conceito de deficiência e diferença, ambas são ditadas por visões sociais, reveladas por subjetividades inerentes a ideologias, voltadas para a identificação dos surdos. A utilização de definições é uma medida de generalização, é uma maneira de organização que permite a construção de ideias abstratas sobre a surdez.

A surdez não deve ser encarada como uma deficiência que incapacita alguém, é uma limitação que revela a ausência da fala oral na comunicação e a presença da fala interior demonstrada pela língua de sinais. A imagem da surdez quando vista como identidade ou cultura aceita esta como uma diferença linguística e não como uma deficiência, unindo língua e surdez como realidade social, e dividindo ouvintes e surdos.

Uma pessoa surda é aquela que, por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado e, portanto, deve construir uma identidade em termos dessa diferença para integrar-se na sociedade e na cultura em que nasceu. (BEHARES,1994,p. 1).

Behares defende a ideologia da diferença como uma padronização para a normalidade, sendo necessária para a integração do surdo na cultura da sociedade ouvinte, onde este assume sua identidade como sujeito surdo.

O discurso da deficiência é analisada do ponto de vista médico e patológico, o qual tenta encontrar soluções para a surdez, o da diferença permeia o campo educacional que defini a língua de sinais como língua natural do surdo. Uma realidade que de fato não vai mudar é que mesmo estando inserido no universo dos ouvintes, usando a libras, ouvindo e dificilmente falando, eles sempre serão surdos.

## CAPITULO II

### 2. O PAPEL DO EDUCADOR DE LÍNGUA PORTUGUESA PERANTE O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Ao decorrer da pesquisa, pode se notar o despreparo que os professores de Língua Portuguesa apresentam perante o processo de ensino-aprendizagem com alunos surdos nas escolas públicas do ensino regular, onde estes recebem mais informações do que expressam, fazendo com que a qualidade dependa da mediação do intérprete. Não há um planejamento adequado que garanta ao surdo à efetiva participação do universo escolar.

O bilinguismo é uma das práticas mais utilizadas para oferecer ao surdo o uso das duas línguas, a de libras e a de língua Portuguesa, decidindo qual utilizar na comunicação e auxiliá-lo a desenvolver sua competência linguística.

O fracasso escolar com a Língua Portuguesa acontece com os falantes desde a alfabetização, e é considerada uma língua pragmática, cheias de regras que para muitos são indecifráveis. Para o surdo essa dificuldade se torna maior, pois, desconhecem a sua estrutura, não ouvem e não desenvolvem a habilidade de reproduzi-la.

Na verdade, as limitações nessa esfera não são exclusivas das experiências escolares de surdos, nem inerentes à condição de surdez: um dos principais problemas está nas mediações sociais dessa aprendizagem, mais especificamente nas práticas pedagógicas que fracassam também na alfabetização de ouvintes (GÓES, 1996, p.1)

A estrutura educacional não propicia espaço linguístico para os surdos desenvolverem o domínio da língua de sinais, onde a linguagem oral prevalece como uma política linguística que desrespeita de certa forma os valores culturais dos surdos, a sua identidade e realidade. Os profissionais da educação não possuem boa proficiência na língua de sinais para formação do bilinguismo, a qualidade da escrita ainda é muito baixa, não há intérpretes suficiente e os poucos que existem não possuem qualificação adequada para o ensino.

Os jovens surdos do ensino médio regular em relação à produção escrita sofrem instâncias de referências ambíguas, escolha lexical indevida, omissão e ordenação não convencional de constituintes no enunciado e sentido indefinido. Na construção textual as frases são curtas, não usam conectivos, não flexionam o tempo verbal, fazem o uso do verbo no presente e utilizam recursos visuais para ajudar na escrita. Ao analisar o texto que foi construído por um surdo, não se deve exigir que tenha a mesma competência linguística de um falante da língua materna, mas para que isso aconteça tem que estudar e conhecer as características típicas dos textos dos surdos.

O português é diferente da estrutura de libras, o surdo sente dificuldade ao aprender e organizar seu pensamento em diversos textos, encontrando dificuldades no uso de conectivos e na flexão dos verbos, por isso se torna imprescindível que o educador de alunos surdos utilize diversas estratégias de ensino diferenciadas, envolvendo-o em todas as etapas do processo ensino-aprendizagem.

O educador não se preocupa com o desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e social do surdo, muitos dão uma sequência de gravura sem colocar um texto verbal para ajudar no desenvolvimento, e em várias outras atividades sem nenhum objetivo significativo, apenas como exercícios aleatórios para ocupação do seu tempo. O educador não sabe propiciar a participação dos surdos, os ouvintes acabam ditando regras a estes e impondo-lhes uma cultura.

Hoje a educação para surdos tem como principal objetivo a socialização e a busca pelo desenvolvimento da linguagem, onde aprendam como primeira língua libras, colocando o português escrito como instrumento de apoio, integração e produção. Um dos problemas encontrados é a participação dos surdos em processos sociais como sujeito bilíngüe, mesmo com ajuda do intérprete em algumas vezes não consegue transmitir os sentidos que são almejados. O ensino nas escolas regulares excluem os surdos quando desconsidera a libras como sua língua de direito, negando o ensino de sua língua natural, sendo esta uma maneira de inseri-lo na sociedade dos ouvintes. Na língua de sinais a sintaxe não utiliza preposições e sim posposição de termos na escrita.

Na era contemporânea às mídias são importantes ferramentas que ajudam na educação dos surdos e é essencial para o ensino da língua portuguesa, tem o intuito de valorizar as suas potencialidades e colocá-lo como sujeito da aprendizagem. A tecnologia é um ótimo recurso para auxiliá-lo na sua prática pedagógica de ensino favorecendo a leitura e a escrita associadas

ao lúdico. Os educadores da língua portuguesa têm fracassado com as práticas consolidadas da língua que se fundamenta na metalinguagem, onde é necessário que conheça as concepções de língua e linguagem. Deve-se colocar a linguagem como forma de interação vindo à gramática como uma possibilidade de variações e recursos linguísticos que são utilizados em benefício do texto oral e escrito.

As práticas pedagógicas no ensino de português propiciam a criação de estilos de aprendizagens subjetivas, que segundo Dechant (2006), “desenvolverá habilidades divididas em três níveis: *input*, a exposição à língua - alvo; conhecimento, forma como a informação é recebida e armazenada pelo aluno; e *output*, forma como o conhecimento é usado para a produção e compreensão”.

Os surdos não sentem dificuldades em exercícios de ortografia, apesar de não dominarem as regras gramaticais normativas, possuem uma boa memória visual e expressam pela modalidade gestual espacial e visual.

O professor deve propiciar atividades com o intuito de eliminar as barreiras encontradas entre alunos, sendo a primeira língua de sinais, considerando a língua portuguesa como a segunda, utilizar uma linguagem simples, fazer esquemas no quadro de giz com frases curtas e objetivas. O surdo só terá o seu primeiro contato com a segunda língua, o português na escola, ampliando assim seu conhecimento cultural e científico para ingressar no meio social.

Para haver uma boa comunicação entre o locutor e o surdo é necessário falar de frente, para que ele possa visualizar os movimentos labiais e gesticulais do locutor, resumir o conteúdo, trabalhar textos utilizando a língua de sinais, com imagens para facilitar o acesso ao conhecimento do surdo.

Para Lacerda e Mantelatto (2000, p.39) “é preciso conhecer as peculiaridades linguísticas dos sujeitos surdos e respeitar seus modos de construção e apropriação da linguagem”. O educador deve respeitar o desenvolvimento dos surdos perante a escrita e a oralidade, que é realizado por etapas. A função do intérprete nas aulas expositivas é fazer a tradução simultânea ou consecutiva, onde ele será o mediador do conhecimento e buscará através das subjetividades dos alunos a melhor estratégia para proporcionar o saber.

O papel do professor na educação de surdos é de ser um mediador do conhecimento e de construção de significados, propiciar a interação, respeitar sua singularidade e formá-lo como cidadão.

## **2.1. SURDEZ: DEFICIÊNCIA OU DIFERENÇA - PRÁTICAS UTILIZADAS NO ENSINO**

Uma questão muito analisada perante os processos educacionais é a conceituação dos termos alunos com deficiência auditiva ou alunos surdos, é necessário compreender atualmente que não se olha à surdez como uma deficiência, mas como uma diferença cultural. Romper a concepção de surdez que está arraigada à deficiência é um dos principais objetivos das bases antropológicas e culturais do século XXI, diante dessa perspectiva visa ignorar as interpretações clínicas e patológicas e entender estes como sujeitos culturais que se inscrevem em campos discursivos distintivos e muitas vezes contraditórios.

A surdez é abordada através de ações construídas pela linguagem dependendo de relações existentes entre culturas, significado e comunicação, diferentes discursos existem sobre essa abordagem e nenhum nega a materialidade presente no corpo, o seu caráter natural da falta ou diminuição da audição.

Na educação os surdos são vistos como sujeitos diferentes que necessitam de alguns cuidados especiais no processo ensino-aprendizagem, e de um acompanhamento para desenvolver suas competências comunicativas, valorizando a língua de sinais como ferramentas de ensino.

Alguns estudiosos da educação propõem uma reformulação nos cursos de Licenciatura com o objetivo de ter a inclusão da língua de sinais como matéria obrigatória, porque como o ensino público regular atende aos surdos, tem que estarem aptos para cumprir as expectativas que a clientela necessita e manter uma comunicação direta sem precisar somente dos intérpretes.

A língua de sinais são instrumentos essenciais para transformar cultura e conhecimento. O status e o reconhecimento das línguas de sinais no mundo devem ser reforçados mediante políticas linguísticas, pesquisa e ensino da língua de sinais. As línguas de sinais deverão fazer parte do currículo escolar de cada país. (DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, 2007).

Os surdos são expostos aos processos sociais dominados pelos ouvintes onde tem que se adaptarem a eles para não serem excluídos. Carlos Skliar (2001) traz um termo novo, para tal situação, “o ouvintismo como representações dos ouvintes, sobre a surdez e sobre os surdos, no qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar - se como se fosse ouvinte”. Lopes (2002) sobre ouvintismo conceitua “como um conjunto de práticas culturais, materiais ou não, voltadas para o processo de subjetivação do eu surdo”. Há uma categorização entre língua de sinais e cultura visual de um lado, e linguagem oral e cultura auditiva de outro, visando dois pilares comunicativos diferentes.

Alguns mitos permeiam a surdez como se todo surdo fosse mudo; ou que a língua de sinais é universal, que não tem coesão, preposição e devem ser desconstruídos, porém ambos não são verdades, o surdo não fala porque não ouve, e a aprendizagem da leitura e da escrita pelo surdo não é dependente da exposição auditiva e da utilização da língua oral.

Oposta ao oralismo, a comunicação total se preocupa com todas as etapas sociais de comunicação e interação, levando em conta os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, defendendo a aprendizagem oral e a utilização de recursos espaço-viso-manuais, vendo o indivíduo como uma pessoa marcada pela surdez, onde tal fato, repercute no seu relacionamento social como um todo. No Brasil alguns recursos utilizados por comunicação total junto com a libras são a datilologia ou alfabeto manual, o português sinalizado, o cuedspeech, sinais manuais que representam sons da língua portuguesa, o pidgin e a simplificação de gramática de duas línguas.

O bimodalismo diminui o bloqueio de comunicação e cabe a família a escolha da educação ideal para o seu filho. A comunicação total é mais eficiente que o oralismo, pois leva todos os aspectos importantes do desenvolvimento infantil ressaltando a importância da família na educação dos filhos, sendo cerca de 95% da população surda nascida em famílias ouvintes.

O bilinguismo deveria ser uma prática muito difundida em pleno século XXI nas escolas públicas no ensino regular, nela o surdo poderia usar a língua de sinais como materna, e como segunda o português, aceitando a sua surdez e formando uma comunidade surda com traços de personalidade e identidade própria, Sacks (1989), sobre esta questão, utiliza o termo Surdez, com início maiúsculo para designar um grupo linguístico e cultural e o termo surdez, com início de letras minúsculas para designar uma condição física.

Um deficiente auditivo não pode adquirir uma língua falada como nativa porque ele não tem acesso a um sistema de monitoria que forneça um feedback constante para a sua fala. A língua falada sempre será um fenômeno estranho para o deficiente auditivo, nunca algo natural. (ROCHACOUTINHO, 1986, p.17)

No ensino regular médio das escolas públicas não se utiliza a língua de sinais pelos professores, cabe este papel apenas aos intérpretes, sendo as aulas realizadas na língua portuguesa e às vezes nem mesmo a família e o próprio surdo conhece de fato a libras, não pertencendo assim ao grupo dos surdos e a dos ouvintes, pois não domina nenhuma das duas formas de comunicação.

Com os professores sendo supostamente capacitados durante cursos, perpetua-se uma falsa visão de que a língua de sinais não será mais problema para comunicação professoraluno, pois as políticas públicas do país ainda não possuem nenhuma intenção de criarem e investirem em escolas para surdos. As escolas de surdos atualizam e reforçam também o ouvintismo presente nas escolas regulares.

Um dos motivos prováveis para os pais procurarem o ensino regular é o fato de a educação especial ser um modelo não pedagógico de ensino, com práticas educacionais que subestimam as competências e habilidades dos surdos, acreditam também na possibilidade de integração destes, de maneira espontânea nos processos e configurações sociais.

Higgins (1980, p.156) afirma ser “impossível acompanhar a totalidade da interação verbal em sala de aula, muito frequentemente os surdos utilizam a simulação de compreensão, estratégia para evitar a tensão na comunicação e para que passem despercebidos”. Dessa maneira o surdo acaba fingindo que aprende e o professor fingindo que ensina, tornando os problemas que permeiam o ensino como invisíveis ou inexistentes, trazendo assim a visão da possibilidade de aprendizagem de surdos no meio ouvinte.

Dificuldades de aprendizagem nas escolas regulares na maioria das vezes são percebidas como decorrência de problemas cognitivos. Behares (1993, p. 36), cita que “os surdos ocultam o sofrimento, principalmente os surdos oralizados, comparativamente aos não oralizados, e é consequência de um processo de assimilação acrítica a um modelo nunca claramente explicitado”. O termo surdez geralmente é percebido como uma denotação negativa,

depreciativa provocada pelas concepções internalizadas das pessoas, o preconceito está na maneira de como estas lidam com tal condição individual e de como definem a surdez.

As pessoas surdas oralizadas são provenientes de classes sociais privilegiadas que incentivam os filhos a ler e escrever oferecendo materiais diversos para suprir as exigências que anseiam estes, enquanto os surdos não oralizados são oriundos das classes populares, que resignam e não lhe são ofertadas situações de leitura e escrita em casa, deixando a responsabilidade apenas para a escola regular. A leitura e a escrita estão ligados a significados afetivos e dependem do incentivo, demandando atividade reflexiva. A assimilação dos textos em língua de sinais e a produção escrita sugerem outros conceitos quando a mediação não acontece por meio da língua oral.

No Bilinguismo o ensino da língua escrita e falada usam estratégias comuns no ensino do português, respeitando as especificidades de cada um, sendo as habilidades metalinguísticas constituintes da questão nuclear na educação dos surdos. Quando a língua e a linguagem são refletidas os surdos compreendem a sua relação com os ouvintes, buscando formar cidadãos e não apenas fonarticuladores e leitores de lábios de palavras ou frases.

O educador perante o Bilinguismo direciona suas aulas para alunos surdos com base na aprendizagem visual-espacial. Fasold afirma que:

O bilinguismo é comumente entendido como competência linguística facultativa ou indispensável para a comunicação com interlocutores de dois mundos alófonos, por meio de dois idiomas ou dois dialetos que apresentam entre si proporção de diferença linguística capaz de afetar ou inviabilizar a comunicação (FASOLD, 1990, p. 142)

Segundo Woodward, (1978, p. 14-19) “há uma aceitação pequena quanto ao Bilinguismo, o etnocentrismo e a ausência de exposição a uma variedade de situações culturais”. O bimodalismo ou bilinguismo dois modos de utilizar a língua, é vista como expressão de solidariedade e da reciprocidade nas relações entre surdos e ouvintes, é predominante pelos ouvintes, mas também utilizado pelos surdos.

É importante ressaltar que apesar da conceituação que usa: deficiência ou diferença, os surdos são cidadãos normais, que devem ter concebidos seus direitos e deveres na sociedade que vive. A mentalidade preconceituosa deve ser diminuída, principalmente no ambiente

escolar, que é um espaço pluralista e multicultural de grande influência na formação de ideologias.

## **2.2 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

A educação de surdos não possibilita de fato o desenvolvimento das habilidades cognitivas, e a preocupação das instituições é o ensino das palavras, que para os surdos, muitas não têm significação nenhuma em seu arsenal comunicativo. Cria um silogismo que o surdo tem pensamento concreto e só aprende com recursos concretos, esquecendo que estes aprendem também com as experiências diretas, contatos com a realidade e com o mundo ao redor.

Várias pesquisas apontam dificuldades lexicais e sintáticas, outras indicam a ausência de materiais específicos de instrução para os surdos, sugerindo memorização de expressões idiomáticas, e de vocabulário por solucionar alguns problemas. Desconhecem palavras e expressões cotidianas da língua escrita, não interpretam os textos, quando conhecem as palavras não compreendem o contexto. As práticas de leitura e da escrita nas escolas públicas do ensino médio regular são deficientes, sendo mínimas e precárias, não há o uso da mesma língua entre os professores de língua portuguesa e dos estudantes surdos, tendo assim uma situação comunicativa muito falha, onde se adaptam a situação escolar e não participam ativamente das aulas.

As escolas regulares oferecem possibilidades melhores que a escola de surdosna leitura porque propõem atividades de reconto de livros, práticas de produção textual, trabalhando assim com diversas tipologias textuais, possui uma complexidade bem superior à escola de surdos. A leitura oral é trabalhada nas instituições de ensino com o intuito de inserir o surdo à categoria ouvinte.

As escolas especiais para surdos têm acesso a textos desde o início da escolarização, aprendendo a refletir sobre os usos sociais da leitura e da escrita, tornando objetos de conhecimento. Os livros possuem alguns personagens surdos para relatar uma identificação positiva em relação à surdez. Já no ensino regular a aprendizagem de ler e escrever são apresentados para os surdos como uma relação de imposição, obrigando-os a tentar compreender tais processos.

Atualmente a culpa do insucesso do desenvolvimento dos surdos recai sobre os professores, deixando de responsabilizar o sistema educacional e as políticas públicas, vale ressaltar que o professor também exerce um compromisso subjetivo com o ato de educar, porém as políticas não propiciam condições satisfatórias e dignas de trabalho. Há perspectivas de mudança dos processos educativos com um ritmo lento e insatisfatório com investimentos de cursos que ensinem a libras como recurso pedagógico para o ensino das crianças surdas, porém sem metodologias conclusivas e adequadas.

Nas instituições regulares de ensino existem as salas de recursos destinados como espaço dos surdos e de apoio para atividades pedagógicas desenvolvidas pela instituição, mas apenas essa postura educacional não basta, deve haver uma reestruturação dos processos sociais englobando o envolvimento de vários profissionais educacionais.

É necessária a opção de duas modalidades educativas: a escola especial e a regular para atender as necessidades individuais de cada sujeito. Um dos grandes desafios dos professores atuais é o tipo de oferta, esta deve ser fundamentada na compreensão do respeito à cidadania, da pluralidade cultural, da constituição de conhecimentos e a formação do sujeito participativo e crítico-reflexivo.

As condições sociais oferecidas aos adolescentes surdos na sua formação são baseadas em possibilidades de socialização, abrangendo grandes divergências, resistências e controvérsias. O mundo está sofrendo transformações, no entanto as mentalidades ainda não se consolidaram, as iniciativas socioeducativas e as pedagogias de escolarização devem priorizar o direito dos surdos à condição bilíngue e envolver a participação das comunidades surdas neste processo.

Para Geertz ( 1989, p. 62), “(...) nossas ideias, nossos valores, nossos atos e até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades, disposições com as quais nascemos”. Somos um produto social, moldados a partir de ideologias já formadas, e dessa forma os surdos são discriminados por não possuírem as mesmas capacidades do que a maioria das pessoas.

Caracterizada como um problema sensorial não visível que dificulta a percepção dos sons que traz sérios transtornos sociais ao sujeito, a deficiência auditiva, é detectada na primeira infância como afirma Skliar-Cabral (1988), compromete o desenvolvimento da criança como

um todo, nos aspectos cognitivos, sociais e culturais; além de comprometer os aspectos linguísticos, pois existe um período crítico para a aquisição de uma língua.

Jachman (2002) ao se referir ao desenvolvimento de linguagem e educacional postula que, “não estão relacionados ao grau da perda auditiva, mas sim à idade de identificação da deficiência auditiva”. O desenvolvimento dependerá do diagnóstico da doença, se descoberta cedo, melhor o processo ensino-aprendizagem.

A criança surda tem que estar em contato com a linguagem oral por meio de situações contextualizadas, estimulando a produção de fonemas, palavras, frases e a compreensão da fala pela leitura orofacial, sendo importante os mesmos estímulos nos momentos em que estão no âmbito familiar, que é responsável por maior parte do seu progresso.

Em casa os pais podem estimular a audição residual da criança chamando sua atenção para o mundo ouvinte, cabendo a este o monitoramento da sua própria voz observando o timbre, a duração, a intensidade e entonação para compreensão da consciência, localização e compreensão dos sons, na escola ou em clínicas especializadas em atendimento fonoaudiológico.

A língua de sinais é uma língua visuogestual que possui suas características gramaticais próprias, fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, é a única língua que possibilita ao surdo uma comunicação plena e indispensável a sua integração no fluxo natural da linguagem.

A Organização das Nações Unidas estima que 10 % da população mundial possuem algum tipo de deficiência, cujo 1,5 % da população mundial têm deficiência auditiva. Nos países com baixo índice de desenvolvimento humano esses dados podem ser bem maiores.

Durante muito tempo permeou a noção de que pessoas surdas são menos inteligentes do que os ouvintes, ideia errônea, Myklebust (1975) afirma que:

(...) o problema da relação entre surdez e inteligência envolve algumas questões em torno da natureza do desenvolvimento mental e da capacidade intelectual, diz ser possível que as experiências não verbais tenham um papel fundamental no desenvolvimento mental da criança surda.( MYKLEBUST, 1975, p. 27)

Como a linguagem planeja e regula a ação humana, a criança com surdez pode ter a capacidade intelectual parecida com a do ouvinte se internalizar e adquirir uma língua desde cedo. Estudos atuais revelam que o desenvolvimento das crianças normais com as dos surdos são iguais.

No meio do âmbito educacional evidencia o insucesso com objetivos pedagógicos destinados aos surdos, considera certas características intrínsecas à surdez e não como resultado do fracasso dos métodos utilizados pelos professores. Apesar dessa realidade os surdos nos últimos anos vêm melhorando o desenvolvimento perante os aspectos linguísticos, emocionais, sociais e cognitivos. Segundo Góes (1996), “não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, tudo depende das oportunidades oferecidas, em especial a consolidação da linguagem”.

Na escola a narrativa é um dos tipos de textos produzidos pelos alunos surdos, sendo trabalhado com mais ênfase na língua portuguesa, visando ressaltar a importância cognitiva ao organizar o texto em uma sequência temporal que ajuda a criança lidar com sua realidade. Esse gênero é um direcionador e indutor de atividades que promove a interação escrita e oralidade para os professores das escolas regulares, que acreditam saber narrar oralmente, cabendo agora aprender a narrar por escrito, pois esse tipo de texto proporciona diferentes possibilidades para o trabalho linguístico, cognitivo e social.

Ao colocar a língua de sinais como recurso da escola regular, aceita a surdez como diferença, rejeitando assim o discurso clínico, buscando metodologias adequadas para a utilização da linguagem escrita no contexto de sala de aula. Sanchez (2001) e Skliar (2001) colocam “o processo de ler e escrever como atividade reflexiva, prática social e ato coletivo, muito distante da noção de alfabetização”.

Pelo fato de não ouvir, a oralidade é pouco trabalhada nas escolas abrindo mais espaço para o aspecto visual da escrita. Vigotsky, (1987:203) diz que a “escrita exige uma dupla abstração por parte da criança: primeiro em relação aos possíveis vínculos com a oralidade, e segundo em relação ao interlocutor”.

Na educação do aluno surdo há várias práticas pedagógicas: o oralismo, que alguns profissionais são favoráveis e se baseiam em estudos que demonstram a falta de sincronização entre a idade cronológica e desempenho escolar, enquanto há aqueles que defendem a libras

como alternativa constitutiva que demonstram a independência entre o raciocínio e a linguagem verbal, espelham-se também em pesquisas bem sucedidas com alunos surdos.

Os professores de língua portuguesa para alunos do ensino médio regular utilizam a imagem como ferramenta Semiótica e como instrumento mediador da aprendizagem. Pat Hughes sobre esse enfoque contribui com o:

Modelo que ilustra de forma didática variados aspectos das funções que pode ter no currículo escolar no processo de letramento visual como a leitura de imagens e nos livros ilustrados, usa - las como apoio para leitura de textos simples, entre outros, a leitura da imagem perpassa as fronteiras culturais.(Hughes,1998, p.46)

Um recurso excelente para o ensino através de imagens são os livros sem textos que fazem o surdo produzir uma narrativa, usando planos variados para mobilizar a identificação com dramas vividos pelo personagem. Temos a imagem bidimensional que usam linhas, cores, formas e texturas para representar ideias. Um fator negativo do ensino pelas imagens é o seu caráter polissêmico que utiliza ora o sentido figurado, ora literal. A imagem pode fazer rir, emocionar, causar espanto. A imagem transmite conhecimento e desenvolve o raciocínio, permite ao surdo que identifique ou nomeie a figura exercendo assim a função de léxico, serve como instrução de ações a realizar, é usada nas narrativas para mostrar seqüência e em momentos isolados de uma história.

Ultimamente são consideráveis e significantes as mudanças que vem acontecendo na educação de surdos, incentivadas pelo bilinguismo que repercute no processo de ensino aprendizagem. Uma dessas mudanças é o uso das tecnologias para auxiliar a prática pedagógica que começou a ser utilizada na metade da década de 1980 em meio à discussão provocada pela comunicação total. A tecnologia tem uma forte influência na vida dos surdos perante o ensino, são voltadas para a comunicação plena, existem telefones para surdos, sites educativos e vários outros recursos utilizados para facilitar a aprendizagem. A sociedade e as escolas regulares devem reconhecer nos surdos à mesma capacidade de comunicação linguística e potencialidade para participação e realizações em atividades sociais dos ouvintes, nesse pilar o intérprete de língua de sinais é responsável junto com o professor na sua integração com as aulas.

Pimenta (2001: 24), declara que “a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana, pois ser surdo não é melhor ou pior do que ser ouvinte é apenas diferente”. Defende a utilização do termo diferença para os surdos, ao invés de deficiência.

Skliar (1998) explica que falar em Cultura Surda como um grupo de pessoas localizado no tempo e no espaço é fácil, mas refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem processos culturais específicos é uma visão rejeitada por muitos, sob o argumento da concepção universal, monolítica. (SKLIAR,1998, P.45).

Diante dessa perspectiva o autor ressalta a importância dos surdos produzirem sua própria cultura, afinal suas necessidades são diferentes da dos ouvintes, mas há uma rejeição por parte da maioria que acredita na concepção de cultura como monolítica, única na sociedade. No Brasil já temos a Federação Nacional de Educação e Integração Básica (FENEIS), um espaço criado para valorização e conscientização da cultura surda, onde verifica o Teatro Surdo, o Humor Surdo, a Poesia Surda, a Pintura Surda e várias outras manifestações de identidades.

Se a escola compreender a língua de sinais como língua dos surdos, o processo educativo terá mais qualidade. O ensino de língua portuguesa para eles na escola regular está longe de ser bem sucedida, devida à exclusão e o ensino ser voltado para os ouvintes. O português por ser uma segunda língua deveria ser ministrada em turma exclusiva de surdos para centralizar a estes o ensino, atendendo suas expectativas e desenvolvendo suas habilidades.

É preciso que os professores sejam conscientes do fracasso e insucesso do ensino nas escolas públicas, discutindo possíveis soluções para a problemática, no intuito de dispor de novas alternativas para que o surdo aprenda realmente em qualquer espaço educacional que esteja inserido, recomendar e utilizar a língua de sinais é necessário.

O ensino deve ser como segunda língua, com métodos e materiais adequados para o atendimento de suas necessidades básicas, sendo desejável que adquira a língua oral dos ouvintes, e as propriedades no nível fonológico e prosódico que seu aparato sensorial auditiva está impedindo.

Pesquisas tem demonstrado que, apesar do acesso extremamente restrito aos dados linguísticos, o aprendiz surdo desenvolve habilidades linguísticas na língua oral, havendo muitos que atingem um conhecimento bastante

aproximado ao de aprendizes ouvintes de uma segunda língua.(BERENT, 1996: 501-2).

Apesar de conhecer o português nunca irá dominar por completo se comparado a um falante materno, seu universo linguístico é limitado, impedindo o de compreender a língua e suas estruturas gramaticais e funcionais.

Vale ressaltar que como todas as línguas, a libras também mudam ao longo do tempo. As relações entre sons e significados das línguas faladas e os gestos, sinais, são em maioria arbitrários, e acontece por motivação icônica e imotivada. É recorrente o processo de formação de palavras por composição, onde na formação das palavras segue o padrão SVO, sujeito-verbo-objeto, exibem a dupla articulação, isto é, unidades significativas ou morfemas. A libras apresentam categorias gramaticais, onde as coisas são determinadas pela configuração da mão, a as mudanças por sucessões de movimentos e sustações.

O Ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos do ensino médio regular, principalmente no 1º ano, acontece por meio da escrita, porém não pode se limitar a transmitir conhecimento estrutural e lexical, e sim assumir um perfil contextualizado, que aborda aspectos pragmáticos, sociolinguísticos e culturais.

Falta à escola fazer um diagnóstico das necessidades educacionais dos alunos surdos, com o intuito de orientar melhor suas ações, é necessário que os profissionais de ensino percebam e atendam as expectativas do surdo no ensino-aprendizagem, verificando suas habilidades e competências. A motivação e a aceitação da língua alvo são indispensáveis para a aquisição da língua portuguesa como uma segunda língua.

## CAPITULO III

### **3.0.PROCESSOS DE LEITURA, ESCRITA E PRODUÇÃO DE TEXTOS - CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA**

Os processos de leitura, escrita e produção de textos são essenciais e indispensáveis no ensino de uma língua ou segunda língua alvo, tendo naturezas linguísticas, socioculturais entre outras. Especialmente no caso do surdo, o sucesso perante esses processos dependerá dos inputs que está exposto.

Para qualquer ouvinte a leitura se dá de duas maneiras, oral e silenciosa, para o surdo a silenciosa geralmente é a mais praticada, tendo muitas vezes alguns recursos gráficos e visuais para subsidio de interpretação.

O conceito de leitura está vinculado ao ato de decifrar os grafemas, e de interpretação de textos, porém é uma visão limitada desse procedimento tão complexo em sua essência. Nos dias atuais pode ser considerada como a interpretação que um sujeito faz através dos textos, considerando o universo social, histórico e cultural.

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e intelecção do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Lida com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra, é um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. (GARCEZ, 2001:21).

Diante da perspectiva de leitura, o surdo com seus direitos garantidos e assegurados, é um cidadão leitor, apesar de que a metodologia para o ensino se manifesta de maneiras diferentes no contexto pedagógico, sendo complexa e abrangente e envolvendo aspectos simbólicos, emocionais e de interação.

A escrita para o surdo também é um desafio constante, copiar do quadro textos, frases, orações e várias estruturas prontas, não compreendendo de fato, sua organização sintática, o léxico, a morfossintaxe, e o tipo de texto trabalhado e em muitos casos nem a semântica da palavra. Por não ser falante da língua portuguesa, utiliza apenas palavras chaves na elaboração de frases.

(...) não decorre da interação face a face em contextos comunicativos, onde ambos os interlocutores estão presentes. A língua escrita vai, além disso: ela permite a comunicação sem depender de tempo e lugar. Isto se reflete na sua estrutura e nas suas necessidades de explicitação. Isto deve ser profundamente compreendido pelo surdo. (SVARTHOLM 1999, p.41)

O texto escrito aproxima pessoas de diversos lugares e épocas, não há o contato direto como na fala, pode durar uma eternidade, rompendo barreiras, e a palavra dita se perde com o passar do tempo. Para os surdos ela serve para expressar suas subjetividades, não sendo às vezes compreendido na comunicação usando a libras.

O texto é priorizado nas escolas públicas, tendo sido apontado como recurso por excelência, subsidiada e defendida pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). No ensino para surdos, o texto é importante para inseri-lo na cultura linguística do português, do país e da cidade que fazem parte. O PCNs (2001, p. 25) defini o texto como “produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significado e acabado, qualquer que seja sua extensão”.

Todo texto tem um contexto, numa relação dialógica e de sintonia, onde é considerada sua condição de produção como momento histórico, ambiente sócio - cultural, e interlocutores. O processo de construção de um texto implica em estratégias de natureza cognitiva, textual, e sociointeracionais.

A leitura e a escrita com sua importância formativa de sujeitos críticos-reflexivos acontecem simultaneamente e são complementares, permitindo assim que ele construa seu conhecimento. A produção textual tem como proposta formar escritores, considera a funcionalidade e as funções da escrita, direcionando para um leitor. A leitura, a escrita e a produção de texto são atividades indispensáveis no processo ensino-aprendizagem, são práticas que devem ser bem planejadas, e contextualizadas a realidade do aluno e da unidade educacional.

### **3.1 ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS DO 1º ANO DO ENSINO**

#### **MÉDIO REGULAR**

Este capítulo é voltado para uma breve análise do processo ensino - aprendizagem de dois alunos surdos que estudam no 1 ° ano do ensino médio em uma escola regular estadual, Adalmir Anderson da Silva Oliveira e Pedro Yuri Magalhães, sendo consideradas suas opiniões e de outros profissionais envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

O Ensino do Português para o Adalmir e o Pedro Yuri tem o auxílio da intérprete Sônia Feitosa, que já os acompanha há muitos anos. Porém sua função no ensino é limitada, cabe à professora regente o direcionamento das aulas. A professora não se preocupa muito com a aprendizagem de ambos, não prepara nenhum conteúdo diversificado que atenda as suas diferenças, as aulas são voltadas para os ouvintes, fato que também acaba prejudicando o processo educacional dos surdos.

A professora regente não domina a libras, deixando assim a interação e mediação apenas para a intérprete, que usa ora a tradução simultânea, ora a consecutiva. Alguns conteúdos acabam por não ser trabalhados, como: as funções e figuras de linguagem e variedades linguísticas. Não são falantes e nem ouvintes do português, portanto não identificarão algumas situações comunicativas e a funcionalidade que permeiam tal língua.

Os gêneros textuais são colocados para os surdos apenas como um recurso didático, com pouca utilização aparente, visão que deve ser alterada, porque, de certa forma os gêneros fazem parte da sua vida como a de qualquer outro cidadão, desde o mais simples como uma carta ou bilhete, até o mais complexo como um telefonema.

A tipologia textual abrange aspectos de descrição, narração, dissertação, argumentação, e injunção, para os surdos são conceitos complexos e quase nunca vistos na prática escolar da escolar por eles. Para os dois alunos não há nenhuma diferença entre os textos, notam apenas a presença da introdução, desenvolvimento e conclusão.

O aluno Pedro Yuri através de exercícios, produções textuais e avaliações internas e externas mostra ter mais facilidade nos conteúdos do que o aluno Adalmir. Os dois são companheiros, um sempre ajuda o outro, e a relação de ambos com a interprete é mútua, de carinho e respeito. As aulas são tradicionais, quase não se usa a tecnologia, recurso que para os surdos se torna indispensável para a facilitação do processo ensino – aprendizagem. A intérprete às vezes promove aulas diversificadas por sua autonomia, usando os dois notebooks que a escola disponibiliza para uso exclusivo dos alunos surdos.

O discente Adalmir possui irmãos com a mesma deficiência auditiva, já o discente Pedro Yuri vem de uma família ouvinte. São duas realidades diferentes, mas ambos partilham do mesmo sonho, ir para a faculdade, constituir uma família, e ser bem sucedido no mercado de trabalho. A família do adolescente Adalmir é humilde, e por isso não recebe muitos incentivos aos estudos, já na família do Pedro Yuri as perspectivas são diferentes, sua mãe por ser professora, junto com sua família o incentivam o tempo todo, ajudando na leitura de livros e no processo educacional.

A prática mais recorrente do ensino do português é o escrito, por meio da compreensão e produção, analisando os efeitos das modalidades e o seu acesso pelos surdos. Diante da falta da oralidade os surdos se manifestam apenas pelos textos, quase não fazem apresentações na frente da turma, e são excluídos da participação nos seminários ou eventos.

Verifica-se a facilidade deles em relação à ortografia devido a sua característica visual, acabam por memorizá-las e quase não cometem erros ortográficos. A escrita é bastante explorada no ensino, por isso aprendem a copiar e reproduzir algumas palavras mecanicamente. Os materiais didáticos trabalhados pela professora não são muito adequados para os dois alunos diferentes, em sua maior parte atende as expectativas dos falantes da língua materna.

Há por parte do ouvinte um desconcerto ao ler o texto escrito dos surdos, pois desconhecem a sua realidade e está familiarizado com textos de ouvintes, que deduz que a Língua Portuguesa seja somente sua única língua materna, e rejeita a possibilidade que após anos de escolarização os surdos ainda não dominem a língua dominante.

Em comparação com outros professores de segunda língua, o professor de surdos tem um maior grau de responsabilidade em tornar a língua, o input linguístico, disponível e compreensível para as crianças. Isto se deve às características da língua escrita e à sua falta de conexão com o contexto imediato. Ela exige explicações de modo a ser compreendida pela criança e, assim ser usada como uma fonte de aprendizagem de uma língua. E isto só pode ser atingido adequadamente através do uso da língua de sinais ao trabalhar textos e suas formas ou significado. (SVARTHOLM 1998, p. 36).

A intérprete com proficiência goiana Sonia Alves Feitosa Somarcilla, trabalha com surdos desde 1999, acompanhando o Pedro Yuri desde a 2ª série e o Adalmir a partir da 6ª série. Para ela a transmissão do conhecimento de Língua Portuguesa do 1º ano “A” do ensino médio regular é voltado para aprendizagem de ouvintes, ressaltando que as aulas são curtas e não

atendem suas particularidades. Aborda que a metodologia pedagógica utilizada pela professora não é adequada para atender os surdos pela falta de direcionamento e de preparação do profissional regente e demais professores de outras disciplinas. Os alunos sentem mais dificuldades em português, sociologia e filosofia, defini a Surdez como uma diferença por eles pertencerem a uma especificidade linguística diferenciada. Afirmo que o ideal seria que em uma escola regular houvesse uma sala especial que trabalhasse códigos e linguagem separadamente.

(...) a língua portuguesa deve privilegiar a „visão“ por meio da língua portuguesa escrita, que, por se tratar de disciplina de uma segunda língua, deve ser ministrada em turma exclusiva de surdos. É preciso que os profissionais envolvidos com o ensino da língua portuguesa para surdos, conscientes dessa realidade, predisponham-se a discutir constantemente esse ensino, buscando alternativas que permitam ao surdo usufruir do seu direito de aprender com igualdade, entendendo-se, no caso do surdo, que para ser igual é preciso, antes, ser diferente. (FARIA, 2001: p.iii)

A professora regente Edneide Lopes de Oliveira descreve que o processo Ensino Aprendizagem para alunos surdos não é fácil, não conseguindo transmitir bem os conteúdos por não dominar a libras. Sente dificuldades no ensino da gramática, fonemas, prosódia e na produção textual. Ao preparar as aulas planejam-se pensando somente nos alunos ouvintes, atesta que o ensino seria mais satisfatório em uma escola especial. Quando transmite um conteúdo percebe que eles compreendem muito pouco a disciplina. Para ela a Surdez é uma diferença e deficiência por serem portadores de uma deficiência física, e diferente por estarem entre auditivos.

Pelas opiniões das professoras nota-se que o processo ensino aprendizagem de Língua Portuguesa do 1º ano do ensino médio regular, não atende as expectativas necessárias para os alunos surdos, precisando ser reformuladas as práticas pedagógicas e metodologias.

Pedro Yuri Magalhães é surdo desde seu nascimento, tem dezesseis anos, possui a surdez severa bilateral, e acha que o ensino da disciplina é médio, precisando de direcionamento na parte da leitura de livros e produção de textos. Não gosta muito da disciplina, porque possui muitas frases diferentes. Gosta de ler os textos de revistas e livros da escola, sente dificuldades em escrever porque aprende o português através da libras e não ouve.

Pedro Yuri ressalta que é importante desenvolver nas aulas a escrita e a tradução para a libras, sendo que já utiliza tal língua. Considera sua comunicação com a intérprete satisfatória,

abordaque as aulas de português deveriam ser num ritmo mais lento, onde o professor olhasse de frente. A língua portuguesa é difícil para eles, pois todos os profissionais educacionais da escola regular precisam aprender libras para facilitar a comunicação. Percebe que o foco das aulas é a produção textual. Defini a Surdez como uma deficiência porque não ouve e precisa usar libras.

O Adalmir Anderson da Silva Oliveira possui a Surdez congênita, tem 18 anos, acha que o ensino de Língua Portuguesa não é bem sucedido para os surdos e utiliza a libras a cinco anos. Ele lê pouco na escola e no facebook, considera importante o desenvolvimento da leitura, da escrita e da tradução de libras nas aulas de Português, que deveriam ser mais longas. O ensino com imagens seria mais enriquecedor na aprendizagem e interpretação de conteúdos. Para ele o foco das aulas é na produção textual e gostaria que a escola regular tivesse uma sala somente para surdos, mesmo desejo de Pedro Yuri. Defini a Surdez como uma deficiência já que nasceu assim.

A partir da opinião de Pedro Yuri e Adalmir verifica-se que não gostam da língua portuguesa e consideram seu ensino ineficiente. Existe uma falta de direcionamento que também é mencionado pelos professores anteriormente. A leitura dos surdos em relação aos textos é superficial, desconhecem a funcionalidade, a estrutura e a gramática do português, não compreendem completamente as intenções do autor ao escrever um texto ou frase. A interpretação que os surdos fazem dos textos é diferente de ouvintes, pois não compreendem a situação comunicativa que foi criado.

Conhecer e entender a organização sintática, o léxico, identificar o gênero e o tipo de texto, bem como perceber os implícitos, as ironias, as relações estabelecidas intra, inter e extra texto, é o que torna a leitura produtiva. (Garcez, 2001, p.24)

No caso do surdo, alguns procedimentos são imprescindíveis, e o professor deve estar atento para conduzir o seu aprendiz, cumprir etapas que envolvem aspectos macroestruturais: o gênero, a tipologia, a pragmática e semântica, e micro estruturais: gramaticais ou lexicais, morfossintáticos e semânticos.

### 3.2. BREVE ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ADALMIR ANDERSON DA SILVA OLIVEIRA E DE PEDRO YURI MAGALHÃES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR

Uma das dificuldades notadas nos textos dos dois alunos surdos é o de fazer as ligações entre as palavras, segmentos, frases, orações, não organizando sequencialmente as ideias em cadeias coesivas. A coerência se faz presente na maioria das produções, sendo entendido o conteúdo por meio da semântica. Segue abaixo produções textuais dos alunos:

Paz da vida

Paz da vida tem mundo, todo pessoa  
fazinha couinho cidade sempre vida.  
Como onde não tem paz pessoas  
nada, outro pessoas paz não tem  
mal muito não cidade nada vida,  
pessoa porque muito trabalha pessoa  
abandonar um filho, filho saber nada  
que vida.  
porque preciso pai vai trabalhar  
depois  
tem chego casa, mas pessoa gosta  
um filho cidade sempre cidade  
filho mesmo vida.

A produção textual de Adalmir, Paz da vida, perde o enfoque quando fala do abandono de um filho. Desde o título observa-se o emprego inadequado da preposição “da”, falta concordância nominal na oração “paz da vida tem mundo” e em outros termos. Não transmite muito sentido para o leitor, pois não há uma sucessão lógica das ideias, observa-se também a ausência do artigo no texto. Há uma mistura dos tempos verbais no presente e passado: tem, trabalha, vai.

Existem no texto somente a pontuação vírgula e ponto final, com recorrência mínima. Predomina a repetição de palavras como paz e pessoa. A estrutura é organizada em três parágrafos, e o autor compreende que todo texto é constituído de introdução, desenvolvimento e conclusão.

## O Querani em quadrinhos

Em casa, homem fala menino sem cartão  
vai lá outra em casa menina, chefe tem  
aqui em casa, conversa homem, menina  
ver janela outro homem em outra noite, índio  
tem ter menina, menina amor homem, em  
casa chusca muito água, outro homem vai andar  
cair morreu, índio, eles tem quer guerra outra  
homem, homem vai em outra amor ela, homem  
pegou ela vai correr lá em casa, homem fala  
amor em aqui.

Nessa segunda produção temos um clássico da literatura brasileira, criado por José de Alencar, sendo uma adaptação em quadrinhos. O Adalmir sintetiza em poucas palavras o que compreendeu sobre a obra, ele não cita os nomes das personagens principais, descrevendo de modo sucinto apenas poucos episódios da narrativa, repetindo várias palavras.

Não há uma estruturação nos parágrafos, tendo apenas um para desenrolar a história, existe a ausência do artigo, a mistura de tempos verbais e uso inadequado da pontuação, de preposições e pronomes.

(...) os substantivos podem ocorrer isolados, desacompanhados. Pode-se ainda encontrar artigos no início de sentenças ou parágrafos, enquanto no restante do texto estão ausentes, além de formas do artigo no masculino para todo nome cujo gênero é desconhecido, ou para todo nome terminado em -o. nas estruturas possessivas é também frequente a não concordância do pronome possessivo com o gênero e o número do possuído. (FERNANDES, 2002).

## Tema: Juventude e as mídias sociais.

Brasil tem milhares pessoas vai reclamar ruas, ônibus entre passagem quer diminuir, reclamar fala que precisa maior saúde, pessoas toda região Brasil tem problema saúde.

Governos presidente Dilma gastar muita copa, já pouco saúde muita gastar.

Parceira andar sua reclamar opinião minha resolver nada. Brasil iguais mesmo penso iguais governo não muda opinião.

Esse texto do Adalmir expõe sua visão sobre um fato marcante que aconteceu no Brasil neste ano, milhares de pessoas foram às ruas reivindicarem seus direitos, como se conhece o episódio fica fácil entender o que diz no texto, critica o investimento maior que a Presidente Dilma faz para organizar a Copa, enquanto não investi muito na saúde.

O texto não tem nada haver com o tema: juventude e as mídias sociais, perdendo o enfoque dado, não sendo mencionado o assunto proposto. Estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão, não há artigo nem título e predomina frases curtas.

## "Lei Seca"

Lei dizer todo mundo proibido bebida alcoólica for dirigir o carro e moto. Precisamos lei seca depois pode dirigir é importante salva a vida do pessoas, precisa usa o cinto de carro, crianças também tomar cuidado, precisa todo pessoas não beba quando dirigir.

Lei também dizer proibido bebida pode ser preso na cadeia, precisa atenção e importante explicar para pessoa respeito dirigir.

O texto de Pedro Yuri aborda a temática de uma lei muito importante para o Brasil, fala sobre a lei seca que proíbi pessoas alcoolizadas de dirigir, ressaltando a importância de salvar vidas com tal atitude, e complementa afirmando que a punição para quem descumprir a lei é a cadeia. Finalizando que é preciso respeito para dirigir. Estruturado em dois parágrafos, presença de poucos artigos e de algumas preposições.

## "Protestos no Brasil"

Brasil tem milhares pessoas reclama porque gastar Copa do mundo, pessoas gritava nas ruas pedi governo para fazer mais barato passagem de ônibus, hospital pouco dinheiro e também pouco médico, pessoas quer pedi hospital maior dinheiro saúde, pra pessoas doente e também governo desprezo hospital e governo quer copa mais bonito do mundo, porque governo no medo do país, mas governo gastar copa mais bonito outros país pra ver copa bonito principal chique, mas o governo abandonou saúde hospital porque exemplo pessoas doente precisa compra remédio para saúde.

Pessoas fez redes sociais avisou estado do Brasil, também pessoas passeata vamos avenida no Brasil milhares pessoas reclama.

Esse texto fala dos protestos ocorridos no Brasil, do descaso à saúde, o preço elevado das passagens de ônibus, do investimento a copa do mundo e resalta a importância das redes sociais para a organização popular. Há nesse texto uma repetição de várias palavras, como: pessoas, hospital, Brasil, governo. O primeiro parágrafo é longo demais, com uso excessivo de vírgulas.

A falta de coesão nos textos é evidente, sendo clara a relação de sua dependência com a coerência, porém na língua portuguesa há texto sem coesão, mas jamais sem coerência, sendo uma qualidade essencial de um texto. Nos textos produzidos, percebe o aspecto semântico-lógico, nele o leitor faz deduções para compreender o texto.

(...) acredita-se que o elemento fundamental para a transmissão da mensagem escrita seja a coerência e que esta é dependente das estruturas cognitivas e dos princípios pragmáticos que regem a linguagem. (SANTOS E FERREIRA, 2002, p. 39)

Quando os textos são comparados ao de um ouvinte, fica evidente que as frases são mais curtas, há omissão de artigos, inadequação lexical e no uso de preposição e pronomes, não flexionam de maneira padrão os verbos. Existe uma colocação incorreta de advérbios, vocabulário reduzido, pontuação inadequada, predominância dos verbos no infinitivo, ausência de concordância verbal e nominal, há uma colocação aleatória de elementos na oração. O contraste nos tipos frasais e o uso de adjetivos e de advérbios são limitados.

(...) as construções desviantes podem ou não permitir pistas para ajustamento na tentativa da construção de sentido. Casos de referencialidade ambígua, escolha lexical indevida, ordenação inadequada e sentido incompleto variam quanto às demandas de interpretação postas ao leitor. Em algumas dessas ocorrências, é possível inferir a mudança necessária à compreensão, com base no próprio enunciado e naqueles adjacentes ou, ainda, em informações do contexto de produção; outras vezes, porém, não há elementos suficientes para compor uma interpretação. (GOES, 1999, p.7)

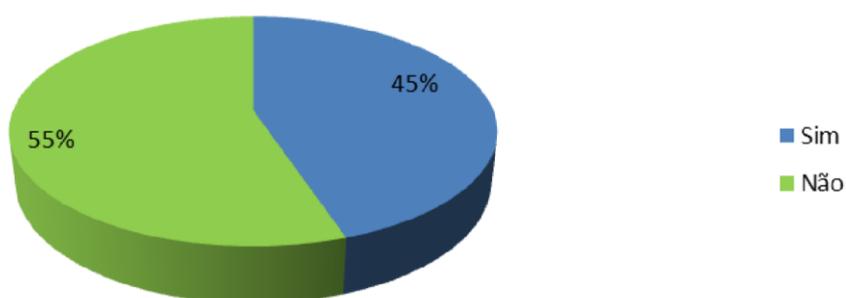
Cada produção revela características próprias de organização e estruturação dos textos, neste representam suas experiências linguísticas, fazem generalizações e criam suas regras. A posposição é uma característica presente no texto e conforme Fernandes (2002) “é uma característica da língua de sinais, e esta é encontrada em muitos textos escritos por surdos”.

O professor de Língua Portuguesa deve primeiramente motivar os surdos para a produção textual, valorizando e reconhecendo suas limitações linguísticas. É imprescindível a utilização da língua de sinais no processo ensino aprendizagem, pois é por meio dela que o surdo faz a leitura do mundo em primeira instância, para suceder a leitura da palavra.

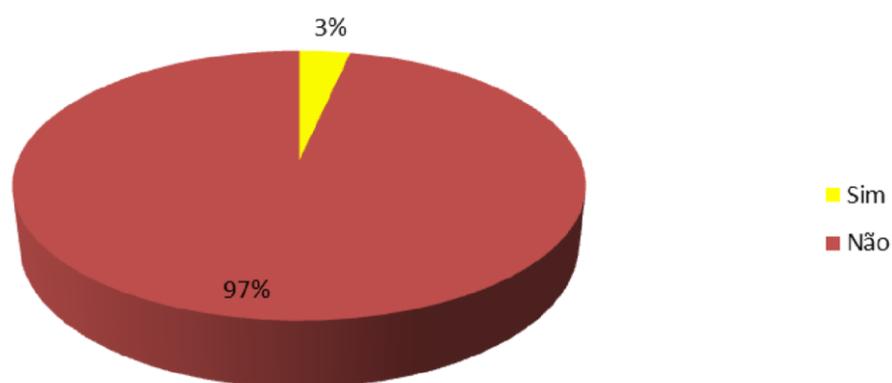
A educação dos surdos deve ser efetiva em língua de sinais, independentemente dos espaços em que se desenvolva, sendo utilizados materiais adequados e uma metodologia que atenda suas necessidades educacionais. Deve haver a promoção de uma educação sustentada nos quatro pilares do conhecimento propostos pela UNESCO: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser.

Os gráficos a seguir apresentam uma pesquisa realizada com 29 alunos da 1ª série do ensino médio regular sobre a qualidade do ensino da língua portuguesa para alunos surdos:

**1. Você acha que o ensino de língua portuguesa é satisfatório para os dois alunos surdos da sala, atendendo suas necessidades?**

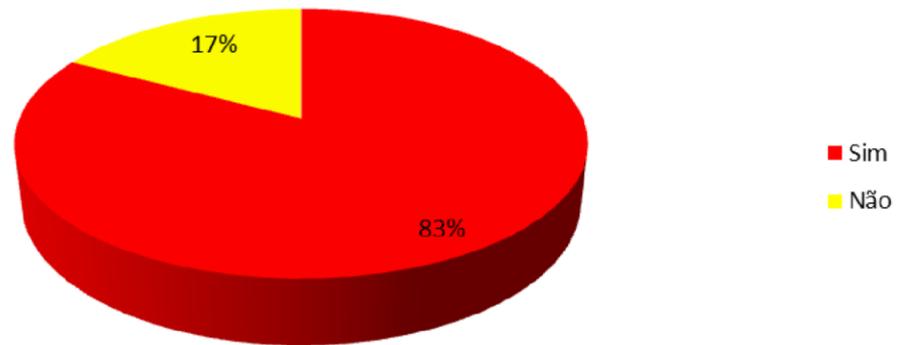


**2. O professor de Português conversa usando a libras com os alunos?**

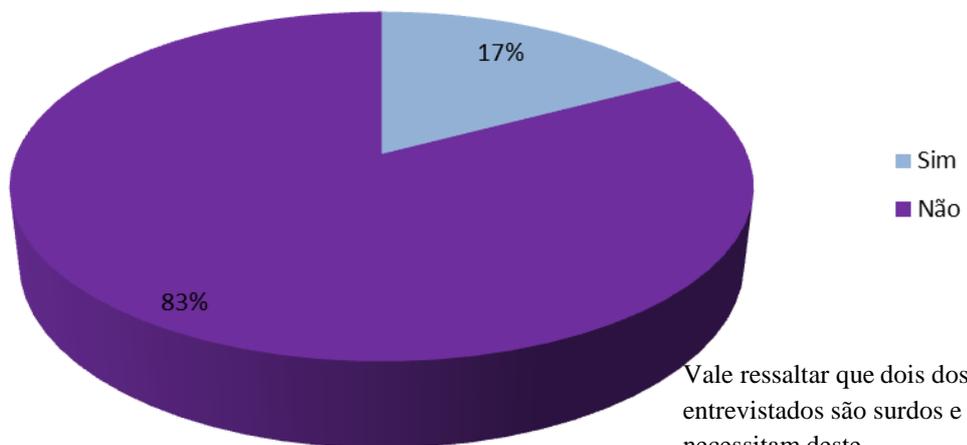


O gráfico 1 comprova opiniões anteriores de que o ensino de língua portuguesa não é satisfatório para alunos surdos, não atende as suas necessidades. O gráfico 2 relata que o professor de português não domina a libras.

### 3. Você se comunica frequentemente com eles, usando mimica ou outra forma de comunicação?



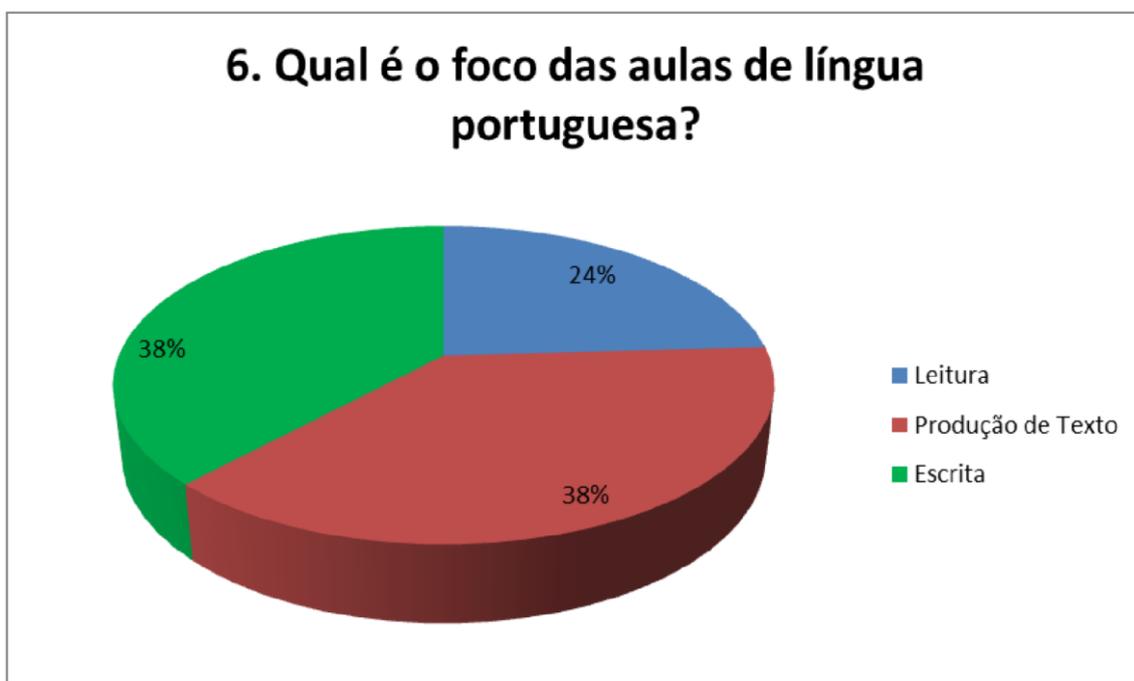
### 4. Sabe se comunicar em língua de sinais?



Vale ressaltar que dois dos entrevistados são surdos e necessitam deste conhecimento.

Os gráficos 3 e 4 mostram que a maioria dos alunos não sabem libras, tentando se comunicar com os surdos de outra forma, geralmente através da mimica.

O gráfico 5 demonstra a dificuldade que os alunos ouvintes possuem no ensino da língua portuguesa, mesmo sendo esta sua língua materna. O gráfico 6 revela que o foco das aulas é a produção de texto e a escrita, deixando a leitura por último.



Para Belhares (1994, p.1) “uma pessoa surda é aquela que, por ter um déficit de audição apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado”, os profissionais da educação devem respeitar, valorizar e aprender a adaptar-se a sua realidade em prol de uma educação de qualidade para os surdos.

## CONCLUSÃO

Com a realização deste trabalho foi possível analisar o Ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do 1º ano do ensino médio regular, observando processos que permeiam tal doença e o papel do educador. Através da pesquisa de campo realizada em uma escola pública de Posse do estado de Goiás foi diagnosticado que o ensino é insatisfatório, não direcionando as aulas para alunos surdos, onde professores e alunos comprovaram essa realidade escolar.

A tendência da política social durante as duas últimas décadas foi de lamentar a exclusão. A integração e a participação proposta na inclusão é essencial à dignidade humana e no exercício dos seus direitos. No campo da educação, essa situação reflete no desenvolvimento de estratégias que possibilitam uma autêntica igualdade de oportunidades.

Por meio de todos os teóricos apresentados neste estudo, entende-se que o surdo em uma sala regular tem várias dificuldades no processo ensino aprendizagem da Língua Portuguesa. Mesmo com o suporte de um intérprete, o professor regente não focaliza as expectativas de aprendizagem.

A língua de sinais por sua característica visuo-espacial, constitui a modalidade ideal na aquisição da primeira e segunda língua para os surdos. Quadros (1995: 1) ressalta que “os sinais, em si mesmos, normalmente não expressam o significado complexo do discurso. Este significado é determinado por aspectos que envolvem a interação dos elementos expressivos da linguagem”.

Os surdos utilizam a expressão facial e corporal para omitir, enfatizar, negar, afirmar, questionar, salientar, desconfiar e assim por diante. Encontra-se na língua de sinais traços da língua-oral auditiva portuguesa. Vygotsky afirma que a surdez é a “deficiência que causa maiores danos para o indivíduo”, atinge a função da linguagem, dificultando sua vida social, impossibilitando o indivíduo de adquiri-la espontaneamente através do meio. O modo como a surdez é vista socialmente influencia na concepção de identidade que prevalecem nos preceitos educacionais.

Anteriormente a surdez era definida como uma deficiência e uma patologia sem cura. Hoje são percebidos como pessoas diferentes, pertencem a uma comunidade que utiliza um meio comum de comunicação, uma língua, uma cultura própria. A surdez em si não deveria ser muito prejudicial, não precisando ser considerada como uma deficiência que incapacita o

indivíduo, é um conceito culturalmente formado, busca por diversos autores a mudança de visão da maioria dos ouvintes, passando a perceber a surdez como uma diferença.

Pimenta (2001: 24), ator surdo brasileiro, declara que “a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana”. Essa perspectiva deve prevalecer na educação.

No espaço educacional incluir é ao mesmo tempo excluir, pois estamos falando de alunos diferentes, estudando em uma escola para sujeitos ouvintes, sendo desvalorizadas suas competências e habilidades comunicativas.

Realizadas as observações, concluiu-se que o Ensino de Língua Portuguesa deve oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas, sendo utilizados métodos e técnicas que valorizem a linguagem e os códigos em diversas situações de aprendizagem de forma a oportunizar o processo de forma eficaz e eficiente, mas sobretudo significativa, atendendo desta forma o direito universal à Educação.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorin, (org); SOUZA, Regina Maria; SILVESTRE, Núria- **Educação de surdos.**

BOTELHO, Paula – Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas, 3ª edição, Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2010.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Tradução de: Edilson A. da Cunha. Brasília: CORDE, 1997.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.** Brasília: MEC/SEESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9394/96, 20 de novembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, ADAPTAÇÕES CURRICULARES. **Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais.** Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília 1999.

CORRER, Rinaldo-**Deficiência e inclusão e social:** construindo uma nova comunidade, Bauru (SP), editora Edusc, 2003.

FERNANDEZ, Eulália (org); Quadros, Ronice Muller...(et al).-**Surdez e Bilinguismo,** Porto Alegre, 3ª edição, editora Mediação, 2010.

GOLDFELD, Marcia - **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista, 2ª. Edição- são Paulo, editora Plexus, 2002.

LOPEZ, Maura Corcini- **Surdez e educação,** Belo Horizonte, editora Autêntica, 2007.

MAZZOTA, Marcos J. S- **Trabalho docente e formação de professores de educação especial,** São Paulo, editora EPU, 1993.

SANTANA, Ana Paula- **Surdez e linguagem:** aspectos e implicações neurolinguísticas, São Paulo, editora plexus, 2007.

SALLES, Heloisa Mario Moreira Lima (et al.)- **Ensino de Língua Portuguesa para surdos:** caminhos para a prática pedagógica, volume 1; Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKYE, Samira; GESUELI, Zilda Maria- **Cidadania, surdez e linguagem:** desafios e realidades, 2ª edição, São Paulo, editora Plexus, 2003.

## **WEBIBLIOGRAFIA**

<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigo&idt=art&cat=7&idart=36>. Acesso em 13 de Setembro de 2013, às 20:45.

<http://www.pedagobrasil.com.br/educacaoespecial/inclusãosexclusão.htm>. Acesso em 15 de Setembro de 2013, às 20:35.

<http://www.crfaster.com.br/auditiv.htm>. Acesso em 22 de Outubro de 2013, às 23:55.

<http://www.mundoeducacao.com/doencas/surdez.htm>. Acesso em 22 de Outubro de 2013, às 00:00.

## ANEXOS

### **ANEXO1-ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR**

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Desde quando você é surdo?
- 3) Fale sobre seu tipo de Surdez.
- 4) Você acha que o ensino de Língua de Portuguesa para vocês é bem sucedido ou falta mais direcionamento devido as aulas serem voltadas para os ouvintes?
- 5) Gosta da disciplina Língua Portuguesa?
- 6) Você costuma ler?
- 7) Que tipos de texto e com que frequência você lê?
- 8) Onde realiza essas leituras?
- 9) Sente dificuldade em escrever, qual seria ela?
- 10) Quais objetivos que acham importantes de desenvolver nas aulas de Português: ( ) Ler; ( ) escrever; ( ) traduzir para Libras; ( ) entender as palavras; ( ) falar
- 11) Você usa constantemente a comunicação com a Libras?
- 12) Sua comunicação com a interprete é satisfatória?
- 13) Sua comunicação com os demais profissionais da educação é satisfatória?
- 14) Como acha que deveria ser as aulas de Língua Portuguesa?
- 15) O que pensa da língua Portuguesa?
- 16) Você acha que o ensino em uma escolar regular é a mais eficiente para os surdos?
- 17) Qual é o foco das aulas: a escrita, a leitura, ou a produção de textos?
- 18) Como você vê a Surdez como deficiência ou diferença? Explique.

## ANEXO 2- ENTREVISTA COM O INTERPRETE

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Há quanto anos trabalham com alunos surdos?
- 3) Quando começou trabalhar com os alunos Adalmir e Pedro Yuri?
- 4) Qual é a sua opinião sobre o ensino de Língua Portuguesa no 1ºano do ensino médio regular para estes dois alunos?
- 5) Houve muitos avanços desde sua inicialização do trabalho com eles perante o processo ensino aprendizagem?
- 6) A metodologia pedagógica utilizada pela professora de Língua Portuguesa é a mais adequada para atender a diferença de ambos?
- 7) Em quais conteúdos percebe que sentem mais dificuldades?
- 8) Como você percebe que eles lidam com a diferença?
- 9) Eles já relataram para você algum tipo de preconceito sofrido no ambiente escolar?
- 10) Quais são suas dificuldades em ensinar Língua Portuguesa para esses dois alunos e como a professora lida com essa situação?
- 11) Você se comunica com eles usando a Libras?
- 12) Você domina a Libras. Qual é sua formação?
- 13) Qual para você seria ideal para os alunos surdos, uma escola regular ou uma escola própria para eles?
- 14) Qual é o foco das aulas: a escrita, a leitura, ou a produção de textos?
- 15) Como você vê a Surdez, como deficiência ou diferença? Explique.

### **ANEXO 3-ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA**

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Como você descreveria o processo do ensino para os alunos surdos do 1º ano médio regular?
- 3) Quais conteúdos são mais difíceis de ensinar para eles?
- 4) O processo de ensino- aprendizagem para eles é eficiente, levando em consideração que as aulas são direcionadas para os ouvintes?
- 5) Você se comunica com ele usando a Libras?
- 6) Você acha que o ensino seria mais satisfatório em uma escola própria para eles?
- 7) Percebe dificuldades enfrentadas pelos alunos na aprendizagem? Quais?
- 8) Qual é o foco das aulas: a escrita, a leitura, ou a produção de textos?
- 9) Como é ensinar a língua Portuguesa para alunos que não possui esta como sua língua materna?
- 10) Você vê a Surdez como uma deficiência ou diferença? Explique.

**ANEXO 4- PESQUISA COM ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO REGULAR  
SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS ALUNOS SURDOS DA  
SALA**

- 1) Você acha que o ensino de língua portuguesa é satisfatório para os dois alunos surdos da sala, atendendo suas necessidades?  
 sim             não
- 2) O professor de Português conversa usando a libras com os alunos?  
 sim             não
- 3) Você se comunica frequentemente com eles usando a mimica ou através da interprete?  
 sim             não
- 4) Sabe se comunicar em língua de sinais?  
 sim             não
- 5) Sente dificuldades no ensino de língua Portuguesa?  
 sim             não
- 6) Qual é o foco das aulas de língua portuguesa?  
 leitura,         escrita         produção textual



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – MONOGRAFIA**

**Curso: Letras/Português- Inglês**

---

**FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA**

**Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento**

**Projeto de Monografia**

**Monografia**

Declaro que a aluna Tatiane Carvalho Barbosa realizou, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada da Monografia, estando apto a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

concluída e finalizada (redigida e digitada).

em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).

em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).

realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

**OBSERVAÇÃO:**

---

---

---

---

Posse, 25 de Novembro de 2013.

---

**Profª Esp. Mary Luci de Oliveira Lunezzo**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - MONOGRAFIA**

**D E C L A R A Ç Ã O de REVISÃO ORTOGRÁFICA**

---

Eu, Sara Maria de Souza, professor de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês da acadêmica Tatiane Carvalho Barbosa, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no corpus do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse, 25 de Novembro de 2013.

---

**SARA MARIA DE SOUZA**

Professora: Sara Maria de Souza

Endereço: Rua Zoroastro Artiaga, Qd 11, Lt 01 A- centro, Posse-Goiás Telefone

fixo: (62) 9941 0813



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - MONOGRAFIA**

## **DECLARAÇÃO DOS DISCENTES**

---

Declaro para fins documentais que nossa Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês da Unidade Universitária de Posse – GO é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovada na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse, 25 de Novembro de 2013.

---

**Tatiane Carvalho Barbosa**